

O TEÍSMO ABERTO: UM ENSAIO INTRODUTÓRIO

*Heber Carlos de Campos**

RESUMO

Este artigo aborda um problema teológico recentemente levantado nos Estados Unidos e que agora também começa a penetrar nos círculos teológicos brasileiros. Trata-se do chamado “Teísmo Aberto” (“Open Theism”), que tem mudado os paradigmas da teontologia historicamente aceita. O artigo trata do fundamento sobre o qual se apóia o Teísmo Aberto (o conceito libertário de liberdade) e das conseqüências determinantes que esse libertarismo traz para a teontologia: ele leva Deus a autolimitar-se, o que, por sua vez, afeta o atributo da soberania divina quanto ao governo de Deus no mundo e na vida dos indivíduos. Esse libertarismo, e a conseqüente autolimitação divina, afeta a doutrina da providência e da presença do mal moral no mundo, fazendo com que Deus corra riscos nessa teontologia. A autolimitação divina também afeta a sua onisciência, onipresença, imutabilidade e relacionalidade.

PALAVRAS-CHAVE

Teísmo Aberto; Teologia Relacional; Libertarismo; Teontologia; Autolimitação divina; Imutabilidade.

INTRODUÇÃO

O Teísmo Aberto (*Open Theism*), movimento que hoje toma corpo no evangelicalismo norte-americano, também é conhecido em alguns círculos como Teísmo da Vontade Livre (*Freewill Theism*), Teologia Aberta (*Open Theology*), Abertura de Deus (*Openness of God*), Neoteísmo (*Neotheism*) ou mesmo Teologia Relacional (*Relational Theology*).

* O autor é ministro presbiteriano, escritor, diretor da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e professor de teologia sistemática no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ). Obteve o seu doutorado (Th.D.) em teologia sistemática no Concordia Theological Seminary, em Saint Louis, Missouri, Estados Unidos.

O nome “Teísmo Aberto” deriva da afirmação de que o próprio Deus está aberto para novas experiências, incluindo a experiência de aprender sobre os eventos progressivos da história do mundo, à medida que se manifestam.¹

Quando tratamos de “Teísmo” estamos tratando de Deus, de como o estudamos e o conhecemos. Esse não é um assunto periférico na teologia, mas diz respeito ao cerne da fé cristã, porque o conhecimento de Deus tem a ver com a vida eterna (Jo 17.3). Se as nossas idéias sobre Deus não forem corretas, então todos os outros aspectos de nossa teologia certamente estarão errados. É extremamente importante o que uma pessoa crê sobre Deus, pois o seu pensamento sobre Deus vai determinar como ela vê todo o universo ao seu redor.

Quando tratamos do Teísmo Aberto, estamos falando de um conceito a respeito da realidade, e especialmente do futuro. O Teísmo Aberto nasceu formalmente com o livro *The Openness of God*, publicado em 1994 pela InterVarsity Press. A intenção dos autores foi rever o conceito clássico sobre Deus, usando textos da Escritura para questionar o entendimento tradicional do Ser Divino.

No ensino do Teísmo Aberto, Deus é limitado no seu conhecimento das coisas futuras, e o futuro permanece aberto, isto é, sem definição prévia da parte de Deus. Essa visão torna Deus mais aberto, mais acessível e mais pessoal, um Deus mais parecido com o que é revelado nas Escrituras, segundo o entendimento dessa corrente.

Desde a infância aprendemos as definições do Catecismo sobre Deus.² Aprendemos que Deus é todo-poderoso, que conhece tudo, que vê todas as coisas e que as entende plenamente. Herdamos uma preciosa teologia de nossos antepassados na fé, uma teologia que enfatiza a soberania divina, o seu controle sobre o universo e sobre a vida humana. Aprendemos que todas as coisas têm um fim previamente determinado e que nada é sem propósito debaixo do sol. Esse é o ensino geral do Teísmo Clássico.

Todavia, nos últimos anos esse ensino tem sido questionado pelo Teísmo Aberto, pois esses teístas afirmam que os conceitos dos teístas clássicos sobre Deus são mais um produto de abstrações filosóficas do que dos ensinamentos da Escritura. Segundo eles, o Deus da Escritura assume os riscos de criar seres livres porque estes cooperam com Deus em seus desígnios, alvos e propósitos. Deus não faz nada sozinho e o seu entendimento das coisas que estão por acontecer depende das ações livres dos homens.

Em resumo, o conceito que temos sobre Deus afeta enormemente a nossa cosmovisão. Conseqüentemente, quando vemos surgir no horizonte

¹ RATHIEL, Mark. *Does God know the future?* An overview of the open theism debate. Disponível em: <<http://www.floridabaptistwitness.com/1058.article>>. Acesso em: 12 jun. 2003.

² Em resposta à pergunta 7: “Quem é Deus?”, o Catecismo Maior de Westminster declara: “Deus é espírito, em si e por si infinito em seu ser, glória, bem-aventurança e perfeição; todo-suficiente, eterno, imutável, insondável, onipresente, infinito em poder, sabedoria, santidade, justiça, misericórdia e clemência, longânimo e cheio de bondade e verdade”.

uma corrente de pensamento esposada por teólogos conservadores que altera o conceito historicamente abraçado a respeito de Deus, devemos nos preocupar sobremaneira. O Teísmo Aberto tem se afastado significativamente da teologia bíblica clássica e reformada no que diz respeito à antropologia e, conseqüentemente, à teontologia, e essas questões devem nos deixar em estado de alerta. Esse movimento tem invertido a ordem proposta por Calvino de conhecermos primeiramente a Deus para depois conhecermos a nós próprios. Na verdade, o Teísmo Aberto tem feito com que o conhecimento que temos de nós mesmos defina não o nosso conhecimento de Deus, mas o que Deus vem a ser e a fazer.

Mais do que os evangélicos brasileiros imaginam, o Teísmo Aberto tem produzido muitas obras e feito uma reviravolta em muitas mentes evangélicas, sendo um movimento em expansão, especialmente no Estados Unidos.

Através de toda história cristã, os crentes ortodoxos expressaram um entendimento comum sobre a natureza de Deus rotulado de “Teísmo Clássico”. Os últimos quinze anos testemunharam o desenvolvimento de uma reforma no entendimento evangélico da doutrina de Deus. Ao chamar o movimento uma reforma, sugiro que ele representa a principal mudança de paradigma no entendimento de Deus por parte de alguns evangélicos.³

A mudança de paradigma no Teísmo Aberto é algo muito mais sério do que apenas o aparecimento de um novo movimento. Referindo-se ao coração da mudança desse paradigma, Roger Olson afirma:

Esta não é apenas uma vívida nova versão da Teologia do Processo, uma teologia liberal, nem é meramente uma vívida nova versão da Teologia Arminiana Evangélica. Esses autores [Clark Pinnock, Richard Rice, John Sanders, William Hasker e David Basinger, entre outros] demonstram pela primeira vez um argumento racional bíblicamente sustentado e fundamentado no sentido de que *o Deus da Bíblia está conosco no tempo e não conhece o futuro em detalhe absoluto*.⁴

Essa mudança de paradigma se deve ao fato de os teólogos da abertura de Deus acharem que o entendimento clássico da doutrina de Deus é enganoso e inconsistente com a Escritura. No entendimento dos mesmos, a teontologia clássica apresenta Deus como Motor Imóvel, estático e sem relacionamento ou interação com o mundo. Eles criticam a teontologia clássica, dizendo que ela está profundamente enraizada na filosofia grega e que não tem qualquer relevância para a vida de hoje.

³ RATHIEL, *Does God know the future?* Esta e as demais citações do inglês foram traduzidas por mim.

⁴ OLSON, Roger. Has God been held hostage by philosophy? Artigo publicado originalmente em *Christianity Today* (09 jan. 1995). Disponível em: <<http://www.christianitytoday.com/ct/2001/119/52.0.html>>.

I. OS INFLUENTES DO TEÍSMO ABERTO E OS INFLUENCIADOS POR ELE

Até pouco tempo atrás o Teísmo Aberto não era muito conhecido. Ele começou a ter expressão maior na década de 1990. Em 1989, Clark Pinnock foi o editor responsável pela publicação do livro *The grace of God, the will of man: A case for arminianism*.⁵ Nesse livro foi lançada a base teológico-filosófica para o movimento que posteriormente se chamaria Teísmo Aberto. Todavia, foi somente em 1994 que o Teísmo Aberto explodiu com a publicação da obra de Clark H. Pinnock, Richard Rice, John Sanders, William Hasker e David Basinger, *The openness of God: A biblical challenge to the traditional understanding of God*.⁶ Entre as editoras que revelam uma tendência para o Teísmo Aberto, a InterVarsity Press tem sido a mais expressiva; todavia, a Baker Book House também começa a seguir os mesmos passos.

Os principais expoentes do Teísmo Aberto são homens bem preparados, bem articulados, e praticamente todos afirmam crer na inerrância das Escrituras. A linha de frente do movimento é composta de Clark Pinnock,⁷ Gregory A. Boyd⁸ e John Sanders, entre outros.⁹

Não é novidade que alguns teólogos enveredem por caminhos estranhos à fé histórica, porque isso sempre aconteceu. Todavia, em virtude da intensa comunicação que caracteriza o tempo presente, alguns autores e líderes bastante influentes nos círculos evangélicos dos Estados Unidos e de outros países têm sido influenciados pela nova visão de Deus apresentada pelo Teísmo Aberto. Um deles é o prolífico escritor Phil Yancey (que tem várias obras traduzidas para o português). Um outro autor influente que está sendo influenciado é Gilbert Bilezikian, o teólogo residente da Willow Creek Community Church, que, por sua vez, tem influenciado tremendamente muitos líderes da igreja contemporânea. Dentro dos círculos ligeiramente reformados, um teólogo que está alinhado com Bilezikian é Donald Bloesh. Gary Gilley diz que “o perigo específico deste último grupo é que eles raramente admitem, se é que o fazem, sustentar convicções do Teísmo Aberto, mas esposam essas idéias de um modo atraente (e.g., no popular livro de Yancey, *Decepcionado com Deus*)”.¹⁰

⁵ PINNOCK, Clark H. (Ed. geral). *The grace of God, the will of man: a case for arminianism*. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

⁶ Outros livros de grande importância são os de Gregory Boyd (*Letters from a skeptic* e o ainda mais importante *God of the possible*) e John Sanders (*God who risks*).

⁷ Clark H. Pinnock é um professor de teologia recentemente aposentado, que lecionou no McMaster Divinity College, em Ontário, no Canadá. É um erudito britânico que começou a sua carreira de professor na América do Norte no New Orleans Baptist Theological Seminary, na década de 1960.

⁸ Gregory Boyd lecionou teologia no Bethel College, associado à Baptist General Conference, em St. Paul, Minnesota.

⁹ John Sanders ensina no Huntington College, em Huntington, Indiana, uma escola dos Irmãos em Cristo.

¹⁰ Ver GILLEY, Gary E. Think on these things, Parte 1, junto com uma série de outros artigos sobre o Teísmo Aberto, no site: <<http://www.ondctrine.com/2gly0001.htm>>.

No Brasil também existem pessoas influentes no meio evangélico que estão absorvendo o Teísmo Aberto, aqui mais conhecido como Teologia Relacional. Um deles é o renomado pastor da Assembléia de Deus Betesda Ricardo Gondim, de grande penetração no meio evangélico, que por meses deixou transparecer em seu *site* as suas idéias como defensor do Teísmo Aberto, e ainda escreve em revistas cristãs evidenciando essa sua teologia.¹¹

II. RAÍZES DO TEÍSMO ABERTO

Clark Pinnock diz que na situação contemporânea “temos uma dívida para com a tradição metodista [embora ele seja batista], para com a teologia da renovação trinitária, incluindo o entendimento que Barth tem do Deus que age com liberdade. Nós também valorizamos algumas coisas da obra de Hartshome sobre os atributos de Deus, e antes dele a dos personalistas de Boston”.¹²

Portanto, o arminianismo foi ao mesmo tempo a base e o caminho por meio do qual o Teísmo Aberto se infiltrou na mente de vários teólogos. Falando sobre o Teísmo Aberto, Pinnock diz que “eclesiasticamente ele é uma variante do pensamento wesleyano/arminiano”,¹³ de tradição não-determinista. Logo depois, Pinnock explica essa afirmação:

O teísmo aberto ecoa o pensamento wesleyano/arminiano que influencia grandes segmentos do evangelicalismo. Esse modo de pensar tem contribuído muito para a história da doutrina de Deus. Mais significativo ainda é o fato de que ele alavancou a reabilitação de duas verdades centrais, a vontade salvífica e universal de Deus e a natureza relacional de Deus. Armínio fez um modesto começo quando alterou o teísmo reformado por meio de suas percepções a respeito da autolimitação divina e quando disse que o determinismo não era sugerido pela onisciência divina, porque os próprios eventos futuros são a causa do conhecimento que Deus tem deles. Esse foi um começo no caminho correto.¹⁴

Na verdade, o Teísmo Aberto é filho do arminianismo evangélico, mas levado às últimas conseqüências. Todavia, não podemos simplesmente dizer que todo arminiano é defensor do Teísmo Aberto, mas sim que todos os defensores do Teísmo Aberto são arminianos e que foram além dos arminianos históricos em muitos pontos.

¹¹ Ver GONDIM, Ricardo. Proposta de um credo. Revista *Ultimato*, nov./dez. 2004, p. 40-41.

¹² Ver PINNOCK, Clark H. *Relational theology among the evangelicals* (artigo). Disponível em: <<http://www.ctr4process.org/events/ort/ORTPinnock.pdf>>.

¹³ PINNOCK, Clark H. *Open theism: what is this? A new teaching? – And with authority!* (Mk 1.27). Palestra feita na Universidade de Calgary em 3 de fevereiro de 2003. Disponível em: <<http://www.ucalgary.ca/UofC/faculties/HUM/RELS/chairs/cchair/csrc/Pinnock.OpenTheism.pdf>>.

¹⁴ Ibid.

O Teísmo Aberto tem afinidade com o arminianismo de um lado e com o Teísmo da Teologia do Processo, de outro. À semelhança do arminianismo, o Teísmo Aberto crê que o conhecimento de Deus é dependente das escolhas humanas, mas, em contraste com o arminianismo, o Teísmo Aberto rejeita a idéia de que Deus tenha um conhecimento exaustivo das coisas. O arminianismo clássico nunca sustentou essa visão do futuro aberto.¹⁵

III. O LIBERTARISMO DO TEÍSMO ABERTO

O Teísmo Aberto às vezes é identificado com o *Free Will Theism* (“Teísmo do Livre Arbítrio”, ou preferencialmente “Teísmo da Vontade Livre”), porque ele enfatiza a preponderância do libertarismo que ensina que a liberdade humana determina o acontecimento dos eventos futuros. Clark Pinnock, o mais conhecido expoente do Teísmo Aberto, afirma categoricamente que, “teologicamente, o teísmo aberto é uma versão do teísmo da vontade livre”.¹⁶ Esse movimento filosófico e teológico tem influenciado sobremaneira o pensamento de alguns filósofos e teólogos da geração atual. Entre os filósofos, poderíamos citar Alvin Plantinga, de origem reformada e atualmente professor na Universidade Notre Dame. Embora o libertarismo tenha o seu nascedouro na filosofia humana (porque não tem fundamento na Escritura), os mais afetados em termos práticos são os teólogos e, conseqüentemente, muitos setores da igreja cristã.

III.1. Definição de Liberdade Libertária

Parece redundância falar em liberdade libertária. A razão é que todos os movimentos, mesmo os de ênfase determinista, crêem que o ser humano possui algum tipo de liberdade. Portanto, liberdade libertária é um tipo de liberdade pregada pelos arminianos e defensores do Teísmo Aberto.

Não há muita preocupação no libertarismo em definir o conceito de liberdade. Os seus proponentes simplesmente a pressupõem. Todavia, alguns escritores contemporâneos dão alguma noção do seu libertarismo, que é definido de forma ampla, sem levar em conta a conotação teológica, sendo, portanto, defeituoso. Além disso, eles não fornecem nenhum argumento bíblico de peso que justifique o seu libertarismo. O conceito de liberdade libertária está pressuposto na mente das pessoas. Ninguém tem muita coragem de dizer o que é essa “vontade livre”, com receio de não poder dar uma definição aceitável da mesma. É uma pena que muitos simpatizantes do libertarismo pressuponham a “vontade livre” sem qualquer reflexão, de forma que

¹⁵ Ver CAMPBELL, Iain D. *Open theism* (artigo). Disponível em: <http://www.backfreechurch.co.uk/Studies/open_theism.htm>. Acesso em: out. 2004.

¹⁶ PINNOCK, *Open theism: what is this?* A tradução de “Free Will Theism” como “Teísmo da Vontade Livre” é melhor do que “Teísmo do Livre Arbítrio” em virtude de esta última expressão ser mais confusa e indefinida.

nenhum deles vai às últimas conseqüências para defini-la. Aliás, quando alguma coisa está pressuposta, poucos se importam em defini-la e em justificá-la. O fato mais estarrecedor é que a chamada vontade livre, ou liberdade libertária, não pode ser provada filosófica ou bíblicamente. As pessoas só podem pressupô-la. Então McGregor Wright diz que,

se [o livre arbítrio] não pode ser provado, ele deve ser assumido ou tratado como se fosse auto-evidente. Em particular, deve ser reconhecido como vindo de fora da Bíblia. Se ele é considerado auto-evidente, uma pressuposição privilegiada controlará o processo total de interpretação.¹⁷

Esse libertarismo pode ter várias definições, e cada uma delas depende do grau de libertarismo assumido. Em geral, pelo termo livre-arbítrio (ou vontade livre) podemos entender “a crença de que a vontade humana tem um poder inerente de escolha com a mesma facilidade entre alternativas. Normalmente isso é chamado de ‘poder de escolha contrária’ ou ‘liberdade de indiferença’”.¹⁸

III.II. Grau de Liberdade Libertária

O Teísmo da Vontade Livre crê realmente que o homem recebeu de Deus uma liberdade genuína. Para ele, liberdade é apenas uma questão relacionada à faculdade da alma que chamamos “vontade”. Essa vontade é considerada uma entidade independente e autônoma de influências tanto externas como internas, e a liberdade que ela possui tem a ver com todas as áreas da vida.

Especificamente, eles [os adeptos do Teísmo da Vontade Livre] crêem que Deus nos tem concedido uma liberdade de escolha significativamente moral. Ela é *significativa* no sentido de que a nossa liberdade consiste na capacidade de fazer mais do que simplesmente escolher entre os itens de um cardápio ou de programas de TV. Ela alcança as escolhas mais importantes da vida – parceiro de casamento, escola, amigos, nosso relacionamento com Deus. Ela é considerada *liberdade moral* no sentido de que Deus permite-nos escolher entre o “bem” e o “mal”, isto é, escolher entre o que é compatível e o que é incompatível com a realização dos alvos criativos de Deus.¹⁹

William Hasker, um dos proponentes do Teísmo Aberto, definiu da seguinte maneira certos aspectos relacionados com a liberdade sustentada pelo libertarismo: “Um agente é livre com respeito a uma determinada ação

¹⁷ MCGREGGOR WRIGHT, R. K. *A soberania banida: redenção para a cultura pós-moderna*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998. p. 51.

¹⁸ *Ibid.*, p. 48-49.

¹⁹ BASINGER, David. *The case for freewill theism: a philosophical assessment*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1996. p. 33.

num determinado tempo se naquele tempo está dentro do poder do agente desempenhar a ação e também no poder do agente refrear essa ação”.²⁰ Só existe a verdadeira liberdade quando existe a possibilidade de uma pessoa fazer exatamente o oposto daquilo que fez. Por exemplo, se uma pessoa recebeu a Cristo, para que seja livre ela teria que ter o mesmo poder de rejeitá-lo sem que tenha recebido qualquer influência interna ou externa, sem qualquer compulsão vinda de Deus ou de sua própria inclinação interior.

III.III. Liberdade de vontade de atos não causados

Os defensores do Teísmo Aberto usam muito a expressão “vontade livre” e por ela se referem a uma faculdade que age de modo neutro, sem ser influenciada ou causada por nada dentro ou fora do homem, a não ser por si mesma.

A vontade humana é livre de qualquer causação necessária; ela é autônoma em relação a qualquer determinação externa; ela é autônoma em relação a qualquer determinação interna. Por causação externa podemos nos referir a Deus e por causação interna podemos nos referir à condição interior do homem. Esse pensamento é chamado libertário em oposição ao pensamento determinista.²¹

Diz McGregor Wright: “Quando os arminianos falam da vontade livre eles estão dizendo que ela é livre de uma causa determinadora prévia”.²² Quando os arminianos em geral falam da “vontade”, “eles estão se referindo a um poder independente e auto-determinante pelo qual somos capacitados a fazer escolhas autônomas”.²³ Perceba que Wright fala de duas palavras, *independência* e *autonomia*, que são usadas indistintamente, e está correto nisso. Todavia, a fim de estabelecer uma pequena diferença para fins didáticos, vou usá-las em lugares diferentes com sentidos ligeiramente distintos.

III.III.I. Liberdade da Vontade com Relação a Deus

Para fins didáticos, chamarei este aspecto do libertarismo de *Liberdade de Independência*. Quando eu mencionar *Liberdade de Independência* estarei me referindo ao fato de que os seres humanos são livres de qualquer determinação causal da parte de Deus. Nada que venha de fora pode produzir qualquer interferência nas ações que os homens venham a realizar. A vontade humana é livre no sentido de que ela não sofre qualquer interferência externa. Os libertários dizem regularmente que “Deus não força a liberdade do homem”. Wright diz que essa liberdade “das causas externas é suposta para salvaguardar nossa integridade e assegurar nossa responsabilidade”.²⁴

20 HASKER, William. A philosophical perspective. The openness of God, p. 136-137. Apud HIGHFIELD, Ron. *The function of divine self-limitation in open theism: great wall or picket fence?*. *JETS* 45/2, jun. 2002, p. 295.

21 MCGREGGOR WRIGHT, *A soberania banida*, p. 48.

22 Ibid.

23 Ibid.

24 Ibid., p. 51.

Em geral os libertários não aceitam a doutrina do decreto divino que torna certo o acontecimento de um evento, ainda que o evento venha a se realizar por meio do exercício da liberdade de agência. No entendimento dos defensores da Abertura de Deus, se Deus criou os homens livres, estes não podem continuar a ser livres se o destino deles está traçado. O determinismo dos decretos é uma das maiores dificuldades para os libertários porque eles abraçam uma teologia não-determinista, devido à sua origem teológica. Portanto, a vontade livre dos homens, no entender deles, é independente de qualquer decreto e livre de qualquer ação do Espírito que torne certa a ação do homem.

III.III.II. Liberdade da Vontade com Relação às Outras Faculdades da Alma

Para fins didáticos, chamarei este aspecto do libertarismo de *Liberdade de Autonomia*. Além da liberdade de independência das influências e das determinações externas (no caso, Deus), o libertarismo afirma a posição de que a vontade humana é independente das ações de outras faculdades da alma, seja da mente e das afeições, ou ainda do estado e da condição do interior do ser humano, o coração. Portanto, quando menciono a *Liberdade de Autonomia*, estou me referindo ao fato de que a vontade humana é livre de qualquer determinação causada pelas outras faculdades da alma humana e do coração humano. Nada no ser mais interior do homem torna obrigatória qualquer ação dele. Sua vontade age independentemente das condições predominantes no seu ser interior. Quando a vontade humana, que é livre, toma decisões, dá-nos a entender que

seus movimentos de escolher o curso de uma ação sobre outra são automotivados e espontâneos. A vontade é automovida em resposta ao que a mente conhece e pode causar tanto o agir em resposta às influências dela ou igualmente o resistir a ela. A vontade é livre para seguir ou resistir a qualquer que seja a opção que a mente lhe apresente.²⁵

Nem a mente, nem as afeições podem causar a escolha necessária porque a faculdade da vontade é autônoma em relação às outras faculdades. A vontade, portanto, é uma faculdade sem inclinação moral. Ela é moralmente neutra. Há algumas perguntas que devem ser feitas aos proponentes do Teísmo Aberto com relação à neutralidade da vontade.

Se os atos dos homens não são condicionados e, muito menos, determinados pelas outras faculdades (como a razão e os sentimentos), e se a vontade é moralmente neutra, como é que ela pode espontaneamente começar uma ação? Como ela pode escolher o bem ou o mal, se o que nós somos interiormente não afeta as decisões da vontade? Se a vontade é independente das

²⁵ Ibid., p. 51.

influências internas do próprio homem, sendo, portanto, neutra e não predefinida para agir de um modo ou de outro, o que faz com que ela aja? Se ela parte do neutro, como ela pode sair desse centro morto?²⁶

As decisões chamadas “livres” dos homens acabam não sendo distintas do fortuito ou do acaso. Se nada causa a ação na vontade humana, essa ação é puramente casual. Como os libertários são extremamente avessos a qualquer noção determinista, não admitindo que a vontade seja causada, eles se vêem numa situação muito difícil para explicar o que significa ter uma vontade “livre”.

III.IV. O Resultado da Liberdade Libertária

Quando aceitamos a noção libertária de independência (de Deus) e de autonomia (da vontade), acabamos caindo naquilo que Wright chama de autonomia teleológica, isto é, “a capacidade que alguém tem de determinar o seu próprio destino por suas próprias decisões e de estabelecer os seus próprios alvos”.²⁷ Nada de fora ou de dentro do ser humano determina o seu destino. Somente a vontade, uma faculdade independente do homem, é que determina o destino do homem. Por causa da noção de liberdade da vontade, o ser humano é livre de causação externa e de causação interna. Não existe qualquer possibilidade de determinismo na teoria libertária da vontade. O ser humano, por causa disso, torna-se senhor de si mesmo e do que lhe acontece.

IV. O CONCEITO LIBERTÁRIO DA LIBERDADE HUMANA DETERMINA AS CRENÇAS TEONTOLÓGICAS DO TEÍSMO ABERTO

Todos os teólogos da abertura de Deus certamente alegarão ser evangélicos, crentes na Escritura como Palavra de Deus, e na sua inerrância. Embora nem todos os defensores do Teísmo Aberto concordem entre si em todos os aspectos de sua reação ao Teísmo Clássico, há alguns elementos comuns que caracterizam a teologia desse movimento em expansão.

O pensamento do Teísmo Aberto afirma algumas idéias:

- 1) que o conhecimento que Deus tem de todas as coisas não é estabelecido na eternidade;
- 2) que a sua presciência não é exaustiva, porque ele se autolimita;
- 3) que o seu relacionamento providencial com o mundo não é meticuloso;
- 4) e que o futuro não está totalmente seguro. Os teólogos da abertura de Deus costumam dar mais fundamentação bíblica para as suas afirmações do que outros movimentos costumeiramente fazem. Todavia, no seu próprio interesse, eles dizem que a linguagem bíblica não é simplesmente fenomenológica ou antropológica, mas literal. Tomando literalmente muitos textos, eles formulam a abertura de sua teologia no que respeita a Deus.

²⁶ Ibid., p. 53.

²⁷ Ibid., p. 49.

O Teísmo Aberto afirma um conceito de liberdade que determina todas as outras doutrinas. Assim como, especialmente na tradição luterana, a doutrina da justificação pela fé somente é o *articulus stantis et cadentis ecclesiae* (“o artigo sobre o qual a Igreja permanece de pé ou cai”), do qual dependem todas as outras doutrinas; assim como na neo-ortodoxia de Karl Barth a doutrina da revelação determina as outras doutrinas, assim nas teologias libertárias – e a da abertura de Deus é uma delas – a doutrina da liberdade humana é a que controla todas as outras, inclusive o entendimento que se deve ter de Deus, e é a doutrina da qual todas as outras dependem. John Frame diz que “o conceito de liberdade humana no sentido libertário é o motor que move o teísmo aberto, freqüentemente chamado de teísmo do livre-arbítrio”.²⁸ Ele também afirma que a doutrina da liberdade do libertarismo é uma espécie de “critério geral para testar a verdade de todas as outras doutrinas. Para o teólogo da abertura de Deus, somente aquelas doutrinas que são compatíveis com a liberdade libertária são dignas de consideração; todas as outras devem ser rejeitadas por princípio”.²⁹ Se o conceito de liberdade esposado por eles é retirado do seu esquema, todas as outras doutrinas têm que ser desfeitas, porque todas elas estão condicionadas ao entendimento dessa doutrina. A doutrina da liberdade humana, portanto, é essencial para a formulação da teologia do Teísmo Aberto.

A idéia de “liberdade” para o Teísmo Aberto não é simplesmente aquela capacidade que o homem tem de fazer todas as coisas de acordo com as disposições dominantes da sua alma. Essa definição em geral é dada por reformados e é designada nesses círculos como “Livre-Agência” ou “Liberdade Natural”. Esse tipo de liberdade para os teólogos da abertura de Deus é muito limitado. A verdadeira liberdade, segundo o Teísmo Aberto, faz com que o ser humano não sofra qualquer restrição, seja de fora ou de dentro si mesmo. A fim de sustentar uma noção de responsabilidade moral, eles partem para uma liberdade de independência ou de autonomia. Veja o que diz Pinnock, um dos proponentes do Teísmo Aberto:

As evidências bíblicas me levam então a uma forte definição de liberdade. Não é suficiente dizer que uma escolha livre é a que, conquanto não seja externamente compelida, é, não obstante, determinada pelo estado psicológico do cérebro do agente, ou pela natureza do desejo do agente... *A idéia de responsabilidade moral exige que creiamos que as ações não são determinadas quer internamente ou externamente.*³⁰

28 FRAME, John. *No other God*. Presbyterian & Reformed, 2001. p. 119.

29 Ibid.

30 PINNOCK, Clark. God limits his knowledge. BASINGER, D.; BASINGER, R. (Eds.) *Predestination and free will: four views on divine sovereignty & free will*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1986. p. 149.

Sem essa idéia, não há uma real liberdade. As escolhas verdadeiras são aquelas que permitem que a maneira contrária possa ser escolhida. Sem uma efetiva oportunidade de as coisas serem feitas de modo diferente do que foram feitas, não existe uma liberdade real.

Esse conceito de liberdade (e o da conseqüente responsabilidade) determina muitas coisas da doutrina de Deus. Este fica condicionado às ações livres dos homens para que possa expressar os seus atributos em relação às coisas criadas.

V. O CONCEITO LIBERTÁRIO DA LIBERDADE HUMANA LEVA DEUS A AUTOLIMITAR-SE

Os defensores do Teísmo Aberto têm sido freqüentemente acusados de serem postulantes da teologia do processo. Para fugir dessa acusação, eles afirmam que Deus não é um ser limitado essencialmente, mas que ele assumiu uma autolimitação quando criou o mundo. De acordo com Pinnock, o Teísmo Aberto difere decisivamente do teísmo do processo por afirmar que Deus criou o mundo livremente, a partir do nada, e ele o fez voluntariamente, não compelido. Ao criar um mundo igual ao nosso, Deus “cede poder” e aceita as “limitações dessa decisão”. E ainda mais: Deus “escolheu limitar seu poder ao delegar alguma coisa à criatura”.³¹

Highfield observa: “Embora Deus não seja limitado por natureza e eternamente, eles asseveram, ele pode se limitar. Ele pode escolher criar um mundo específico e então jogar por suas regras mesmo que o jogo se volte contra Ele mesmo”.³² É verdade que Deus poderia, no entender deles, ser visto como um soberano absoluto, mas eles sustentam que Deus é o que ele decidiu ser. Rice diz que “temos a opção de que um Deus onipotente voluntariamente decide compartilhar o seu poder com suas criaturas e, conseqüentemente, coopera com elas para alcançar os seus objetivos para o universo”.³³

De acordo com John Sanders, a autolimitação de Deus é um exercício da sua soberania: “De modo soberano, Deus decidiu operar providencialmente num relacionamento dinâmico de dar-e-receber”.³⁴ Fazendo assim, ele está sujeito a um risco que ele próprio não pode calcular, porque Deus “soberanamente faz-se a si mesmo vulnerável”.³⁵ No esquema soberano que Deus estabeleceu nem tudo depende dele, porque o conceito de liberdade humana limita o conceito de soberania divina como ensinado no Teísmo Clássico.

31 PINNOCK, Clark. *Systematic theology. The openness of God*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1994. p. 112, 113, 115.

32 HIGHFIELD, Ron. The function of divine self-limitation in open theism. *JETS* 45/2, jun. 2002, p. 284.

33 RICE, Richard. *Process theism and the open view of God*, p. 191.

34 SANDERS, John. *The God who risks: a theology of providence*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1998. p. 87.

35 Ibid.

A idéia da autolimitação de Deus (que é produto do conceito libertário de liberdade humana) acaba controlando o conceito que o Teísmo Aberto tem dos atributos inerentes a Deus. A noção da autolimitação não somente permeia toda a literatura do Teísmo Aberto, mas exerce um papel crucial no entendimento de toda a sua teontologia. Além disso, a crença na autolimitação de Deus é a grande rede protetora contra a acusação de que o Teísmo Aberto ensina, à semelhança do teísmo do processo, um Deus finito. O ensino sobre a autolimitação “permite que o Teísmo Aberto tenha um Deus com limitações iguais às do teísmo do processo – supostamente bom para tratar com o mal e protegendo a liberdade libertária – sem ter que abrir mão dos atributos divinos muito apreciados”.³⁶ A autolimitação de Deus provoca algumas revisões da doutrina clássica dos atributos de Deus. Vejamos algumas dessas mudanças.

V.I. A Autolimitação Divina Afeta o Atributo de sua Soberania

A doutrina da liberdade humana e a da conseqüente autolimitação de Deus afetam o conceito de soberania divina ensinada pelo Teísmo Clássico, especialmente nos círculos reformados. Clark Pinnock admite que “os teístas da vontade livre defendem uma soberania de Deus geral e limitada”.³⁷ Na verdade, Pinnock também reconhece que

Deus poderia dominar o mundo, mas ele escolheu não fazê-lo. Por um ato de autolimitação, Deus restringe seu poder por causa da criatura, de tal modo que neste momento a vontade de Deus não está sendo feita na terra como no céu. Isto significa que Deus corre riscos ao criar um mundo verdadeiramente significativo. Isso significa que, embora Deus tenha metas, ele faz uso de rotas abertas.³⁸

Certamente esse pensamento é possível para os teólogos da abertura de Deus porque para eles Deus criou um mundo de homens livres e, como tal, não pode exercer soberania plena. A doutrina da soberania de Deus, conforme entendida pelos calvinistas consistentes, é rejeitada pelos teólogos da abertura de Deus porque ela representaria uma descaracterização da soberania, apresentando um Deus tirânico. A visão de soberania dos teólogos da abertura de Deus diz que Deus escolheu conceder às suas criaturas uma liberdade genuína, isto é, uma liberdade que faz com que os seres humanos participem com Deus da criação de um futuro aberto, não um futuro determinado como crêem os teístas clássicos. Criticando estes últimos, Pinnock diz: “A soberania de Deus não tem que significar o que alguns teístas e ateístas alegam, a saber, o poder de determinar cada detalhe na história do mundo”. Então, ele parte para a sua própria definição de soberania:

³⁶ HIGHFIELD, *The function of divine self-limitation*, p. 286.

³⁷ PINNOCK, *Open theism: what is this?*

³⁸ Ibid.

Soberania significa o poder de criar qualquer universo possível, inclusive um em que agentes livres estejam envolvidos significativamente. Tal universo deve sua existência totalmente à vontade Deus, mas o que acontece pode ou não pode se conformar às intenções e valores de Deus. Deus poderia criar um mundo em que ele determinasse cada detalhe nele, mas ele não é obrigado a fazer assim, e no caso de nosso mundo ele não fez assim.³⁹

Basinger diz que “na medida em que Deus concede liberdade aos indivíduos, ele desiste do controle completo das decisões que são tomadas”.⁴⁰ Deus abre mão de sua soberania em razão das escolhas livres que os homens fazem. As decisões divinas estão na dependência das decisões humanas. Assim, para os teólogos da abertura de Deus a soberania divina se resume ao fato de ele livremente decidir criar seres humanos livres. Deus criou o mundo para ser “uma fonte de todas as suas possibilidades”. Essas possibilidades dizem respeito às coisas que criaturas livres podem fazer e nada do que fazem deve ter qualquer caráter de predeterminação.

É possível para Deus fazer um mundo com alguma autonomia relativa em si mesmo, um mundo onde existam certas estruturas que sejam inteligíveis em seu próprio direito e de agentes finitos com capacidade para a escolha livre. Assim, Deus dá um grau de realidade e poder à criação e não retém um monopólio de poder para si mesmo. Sua soberania não é de uma espécie que determina todas as coisas, mas de uma espécie que é competente para todas as coisas [...] Deus não controla cada coisa que ocorre. Deus honra o grau de relativa autonomia que ele concede ao mundo.⁴¹

Em vez de enfatizarem a onipotência da Divindade em escrever a história de antemão, eles preferem afirmar a capacidade plena que Deus tem de criar um mundo livre e de adaptar-se às situações inesperadas causadas pelas escolhas livres (autônomas) dos seres humanos. Certamente essa visão de liberdade dos teólogos da abertura de Deus afeta diretamente a noção de soberania divina.

A segunda pressuposição do “teísmo da vontade livre” é que a verdadeira liberdade significa a capacidade de escolher entre opções sem qualquer predeterminação. Esta é uma idéia de liberdade chamada *não-compatibilista*. Ela *não é compatível* com determinismo ou predestinação. Ela supõe e exige uma certa independência limitada da criatura em relação a Deus. Muitos evangélicos – especialmente calvinistas – preferem uma idéia *compatibilista* de liberdade. Para eles, a verdadeira liberdade é ter a capacidade de fazer o que Deus

39 PINNOCK, *God limits his knowledge*, p. 145.

40 BASINGER, *The case for freewill theism*, p. 33.

41 PINNOCK, *God limits his knowledge*, p. 145-46.

conhece e decide que é correto. A independência de Deus em qualquer grau é falta de liberdade. Naturalmente, os proponentes do paradigma do “teísmo da vontade livre” objetarão que este é um uso estranho ou mesmo singular de *liberdade*, totalmente diferente do significado da palavra em sua linguagem comum, e que ela em última análise gera uma incoerência, a menos que alguém esteja querendo dizer que Deus é o autor do pecado e do mal.⁴²

No caso acima, a soberania é do homem, com sua liberdade de relativa independência, e a soberania divina fica totalmente condicionada pelo conceito libertário de liberdade. Por essa razão, segundo o pensamento dos teólogos da abertura de Deus, no seu modelo de providência Deus geralmente não intervém nos afazeres humanos, pois é responsabilidade principal dos homens o desenvolvimento do futuro.

V.I.I. As Doutrinas da Liberdade Humana e da Conseqüente Autolimitação em Deus Determinam o Planejamento Que Ele Faz da História do Mundo

A história, para os teólogos da abertura de Deus, não é a realização de um plano prévia e detalhadamente estabelecido por Deus na eternidade. Ela é, ao contrário, o desenrolar de atos não-previstos ou não-determinados por Deus. Deus não conhece o futuro porque este está aberto e é decidido pelas ações livres dos homens. Por essa razão, em contraste com os teístas clássicos, Pinnock diz: “Entretanto, se a história é infalivelmente conhecida e certa desde a eternidade, então a liberdade é uma ilusão”.⁴³

Mostrando de maneira clara a sua oposição ao conceito que o Teísmo Clássico tem do controle de Deus sobre a história, ele diz:

Eu me posiciono contra o teísmo clássico que tem tentado argumentar que Deus pode controlar e prever todas as coisas num mundo em que os seres humanos são livres. A liberdade pode existir neste contexto somente num sentido verbal. Não há lugar para a espécie de liberdade da qual a Bíblia fala se há um Deus que conhece e/ou controla todas as coisas num presente atemporal. Liberdade significa que a realidade está aberta dum modo que ela não pode ser aberta para tal teísmo clássico.⁴⁴

Deus só pode conhecer o que aconteceu no passado e o que acontece no presente. As demais coisas que estão por acontecer, acontecerão pela liberdade de autonomia dos seres humanos, e Deus não sabe que alternativas eles escolherão. É por causa das escolhas livres dos homens que o futuro está aberto (mesmo para Deus), e isso significa que ele não está definido.

42 Ver OLSON, *Has God been held hostage by philosophy?*

43 PINNOCK, *God limits his knowledge*, p. 150.

44 *Ibid.*, p. 151.

V.I.II. As Doutrinas da Liberdade Humana e da Conseqüente Autolimitação em Deus Determinam a Ação Divina no Planejamento da Vida dos Homens Individuais

O parágrafo abaixo mostra quão determinante é a doutrina libertária da liberdade humana e da autolimitação de Deus para a elaboração do conceito do governo que ele tem sobre os seres individuais.

Deus é um Deus de amor e como tal ele respeita você e seus desejos. Ele não é aquele que “força” a sua passagem sobre outro. Assim sendo, Deus não está interessado em planejar o seu futuro em seu lugar, deixando que você dê uma palavra naquilo que você faz com sua vida! Não, na verdade muita coisa do seu futuro ainda não está planejada, e Deus está esperando que você tome as suas decisões e escolha o seu curso de ação de forma que ele saiba como fazer melhor os seus próprios planos. Naturalmente ele quer que você o consulte no processo, embora o que você decidir é sua escolha, não dele. O que Deus quer é que você e ele trabalhem juntos traçando o curso de sua vida. E você pode estar certo de que ele fará tudo o que estiver em seu poder para ajudá-lo a ter a melhor vida que lhe seja possível.⁴⁵

O futuro dos homens depende, em última instância, das decisões que eles próprios tomam. Na verdade, Deus fica condicionado às ações livres dos homens para planejar o futuro dos mesmos. A doutrina da soberania divina sobre a história pessoal dos homens fica completamente rejeitada. O Deus apresentado pelos teólogos da abertura de Deus é realmente um Deus diminuído! Ele não pode determinar nada do que acontece na vida dos homens, mas planeja tudo em função daquilo que os homens fazem livremente, porque Deus não sabe o que eles vão fazer. Para dirigir a vida dos homens, Deus tem que ver o caminho que eles próprios traçam para si.

V.I.III. As Doutrinas da Liberdade Humana e da Conseqüente Autolimitação de Deus Determinam uma Doutrina Qualificada da Providência

A doutrina da providência sustentada pelos teólogos da abertura de Deus está relacionada à doutrina revisada dos atributos de Deus. De acordo com John Sanders, essas novas percepções exigem um novo modelo para a doutrina da providência. Deus não mais está na posição de Senhor absoluto do universo em autoridade plena sobre os súditos do seu reino, mas é alguém que corre riscos por dar liberdade aos homens e não ver os seus planos realizados. Pinnock diz que “devemos admitir que foi arriscado para Deus tomar a decisão de fazer um mundo igual ao nosso”,⁴⁶ isto é, um mundo com seres

⁴⁵ WARE, Bruce A. *Their God is too small*. Wheaton, Illinois: Crossway Books, 2003. p. 11. Esse parágrafo resume a posição do Teísmo Aberto sobre o conceito libertário dos teólogos da abertura de Deus.

⁴⁶ PINNOCK, *God limits his knowledge*, p. 148.

humanos com a liberdade e capacidade de agir entre alternativas diametralmente opostas. Criando o nosso mundo, Deus assumiu uma aventura de risco, em que a sua obra providencial pode não ser realizada. “O projeto divino de desenvolver pessoas que livremente entram num relacionamento de amor e confiança com Deus carece de uma garantia incondicional de sucesso”.⁴⁷ Basinger diz que “Deus espera que os indivíduos sempre escolham livremente fazer o que ele lhes teria feito [...] mas não pode haver segurança de que eles farão assim”.⁴⁸ Segundo o entendimento de Hasker, em suas obras providenciais Deus “se abriu para a real possibilidade de fracasso e desapontamento”.⁴⁹ Sanders diz que em seu “projeto” Deus tem um alvo (agentes livres em relacionamento de amor com o seu Criador), mas os “caminhos permanecem abertos”.⁵⁰

Deus sempre vive numa situação de ter que se conformar ao *status quo* estabelecido pelos agentes livres. Interpretando o pensamento dos teólogos da abertura de Deus, Ron Highfield diz que “à semelhança de um tocador de Jazz, Deus improvisa, responde e se ajusta quando suas criaturas livres tomam decisões”.⁵¹ Essa descrição é perfeita e se encaixa de maneira feliz na teologia dos teólogos da abertura de Deus. O tocador de jazz não tem uma linha melódica previamente traçada que deve seguir. Ele vai tocando e se adaptando de acordo com as necessidades e “inspirações” do momento.

V.I.IV. As Doutrinas da Liberdade Humana e da Conseqüente Autolimitação de Deus Apresentam uma Doutrina Qualificada sobre a Presença do Mal Moral no Mundo

A presença do mal no universo tem a ver com a doutrina da providência soberana de Deus. Os teístas clássicos, especialmente dentro dos círculos reformados, ensinam que todas as coisas, sejam elas boas ou más, moralmente boas ou moralmente más, acontecem para o cumprimento de um bom propósito divino, porque crêem que “todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, aqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28).

Todavia, a teodicéia apresentada pelos teólogos da abertura de Deus difere enormemente da teodicéia dos teístas clássicos. Os primeiros apresentam uma defesa de Deus na qual tentam afastá-lo de qualquer coisa ruim que venha a acontecer neste mundo, especialmente com os crentes.

Analise esta citação:

47 SANDERS, *The God who risks*, p. 89.

48 BASINGER, *The case for freewill theism*, p. 36.

49 HASKER, William. A philosophical perspective. *The openness of God*. Minneapolis: Bethany, 1985. p. 151.

50 SANDERS, *The God who risks*, p. 124, 127, 170, 187, 206, 259.

51 HIGHFIELD, *The function of divine self-limitation*, p. 283.

Quando a tragédia entra em sua vida, por favor não pense que Deus tem alguma coisa a ver com ela! Deus não quer que a dor e o sofrimento aconteçam, e quando estas coisas acontecem ele se sente tão mal sobre isso quanto aqueles que estão sofrendo. E não pense que, de algum modo, essa tragédia deva cumprir algum bom propósito final. Pode muito bem não cumprir! O mal acontece todas as vezes que Deus não deseja, e freqüentemente ele não serve para qualquer bom propósito. Mas quando a tragédia realmente ocorre, podemos confiar que Deus está conosco e nos ajuda a reconstruir o que foi perdido. Afinal de contas, de uma coisa sabemos com certeza, e esta é que Deus é amor. Assim, embora ele não possa impedir que os muitos males aconteçam, ele estará conosco quando os males acontecerem.⁵²

V.I.V. As Doutrinas da Liberdade Humana e da Conseqüente Autolimitação em Deus Apresentam o Risco Que Ele Corre ao Criar o Mundo Como o Criou

Os teólogos da abertura de Deus afirmam que Deus corre um sério risco pela forma com que criou o mundo com seres livres. O risco que Deus corre é o de não ver as coisas que ele gostaria que acontecessem.

Deus correu um enorme risco ao criar um mundo com criaturas morais que poderiam usar da sua liberdade para ir contra o que ele desejava e queria que ocorresse. Através de toda a história vemos evidência de pessoas (e de anjos caídos) usando da sua liberdade concedida por Deus para produzir males horríveis e causar dor e miséria incalculáveis. Naturalmente, embora Deus pudesse não ter conhecimento antecipado do que as criaturas livres fariam, certamente ele nunca quis que *essas* coisas acontecessem! Ele é amor, e ele não quer que as suas criaturas sofram. Mas de uma coisa podemos saber com certeza: que Deus será vitorioso no final! Assim, não se preocupe, porque Deus irá assegurar que o que ele mais quer será realizado. Você pode confiar nele de todo o seu coração!⁵³

Deus foi soberano ao criar o mundo com criaturas livres e, por isso, ele corre o risco de ver coisas que não gostaria de ver no universo.

V.II. A Autolimitação Divina Afeta o Atributo de sua Onisciência

A doutrina libertária da liberdade humana e a da conseqüente autolimitação de Deus determinam a crença numa onisciência qualificada de Deus. Segundo o pensamento geral dos teólogos da abertura de Deus, Deus conhece todas as coisas que existiram (no passado) e que existem (no presente) e o seu

⁵² WARE, *Their God is too small*, p. 11-12. Esse parágrafo resume o conceito do Teísmo Aberto sobre os males que há no mundo.

⁵³ *Ibid.*, p. 12. Esse parágrafo resume o conceito do Teísmo Aberto sobre o risco que Deus assume em sua soberania.

conhecimento dessas coisas é perfeito e exaustivo. Todavia, visto que o futuro ainda não existe, Deus não pode conhecê-lo, porque ele não conhece as escolhas livres que as criaturas racionais ainda farão. Na visão dos teólogos da abertura de Deus, este honra as escolhas e as ações dos homens fazendo com que elas determinem o curso dos eventos na história. Por essa razão, o futuro não pode ser determinado por Deus. Ele deve permanecer aberto, irreal e, portanto, incognoscível.

Em geral, os teólogos da abertura de Deus não vêm nessa qualificação do conhecimento de Deus nenhuma inconsistência com a onisciência divina. Para eles, esse conhecimento qualificado que Deus tem não produz nenhum comprometimento para a sua onisciência. O raciocínio deles é mais ou menos o seguinte: assim como o fato de Deus não poder fazer algumas coisas em sua onipotência não afeta esse seu atributo, assim também a onisciência de Deus não é afetada pelo fato de ele não conhecer os atos livres e futuros dos homens. Portanto, a doutrina da onisciência divina está condicionada pelo conceito de liberdade e de autolimitação que, de acordo com os defensores do Teísmo Aberto, os seres humanos e Deus, respectivamente, supostamente possuem.

Evidenciando os pressupostos básicos do “teísmo da vontade livre”, os teólogos da abertura de Deus não aceitam a soberania de Deus da forma como os teístas clássicos a aceitam, especialmente os reformados, porque duas coisas estão muito claras para eles:

- 1) as contradições lógicas – inclusive os chamados paradoxos e antinomias – são ilegítimas na teologia como em qualquer outro lugar e
- 2) a liberdade significa a capacidade de fazer alguma coisa contrária.⁵⁴

Sem se aperceber, os defensores do Teísmo Aberto estão da mesma forma usando a lógica que é tão comum aos teístas clássicos, porque eles atribuem grande valor à questão da *coerência*. Não é difícil perceber a inconsistência dos teólogos da abertura de Deus quando criticam a lógica dos teístas clássicos. Olson diz que

as alegações de verdade sobre Deus que envolvem contradições lógicas são literalmente sem sentido e não deveriam ser aceitas na teologia como em qualquer outra área do esforço intelectual. Portanto, uma pessoa não pode dizer ambas as coisas, que Deus conhece todo o futuro em detalhes absolutos com absoluta certeza e que parte dele está ainda aberto e indeterminado (tal como as decisões com respeito à salvação dos indivíduos).⁵⁵

Essa inconsistência deles é claramente vista. Só não a vê quem não possui olhos para tal. A suposição mais importante do Teísmo Aberto é de que se

⁵⁴ Ver OLSON, *Has God been held hostage by philosophy?*

⁵⁵ *Ibid.*

Deus fosse plenamente soberano, ou mesmo possuísse uma presciência exhaustiva, isso eliminaria a liberdade humana e a autenticidade das escolhas dos seres humanos. No entender de Boyd, “as decisões livres futuras não existem (exceto como possibilidades) para que Deus as conheça até que os agentes livres as tomem”.⁵⁶ Assim, como já dissemos anteriormente, a liberdade humana (com grande dose de autonomia) se torna de importância exponencial e o resultado disso é que o controle soberano de Deus sobre o mundo e o seu conhecimento exaustivo têm de ser eliminados. Do contrário, a liberdade humana é que terá de ser eliminada.

Essa doutrina libertária da liberdade humana é de tal monta que, para que ela exista, o próprio Deus resolve se limitar em conhecimento. Não é possível haver um conhecimento do futuro em Deus e, ao mesmo tempo, os homens possuírem uma liberdade de autonomia. Para que haja essa liberdade proposta por eles, Deus tem que voluntariamente se limitar no seu conhecimento. Portanto, por causa dos atos livres dos homens, Deus não conhece toda a história futura. Pinnock diz que

uma novidade genuína pode aparecer na história que não pode ser predita nem mesmo por Deus. Se à criatura foi dada a capacidade decidir como algumas coisas aconteceriam, então ela não pode ser conhecida infalivelmente antes do tempo dela realmente acontecer. Isso implica que o futuro está realmente aberto e não disponível para uma presciência exhaustiva mesmo da parte de Deus. Está claro que a doutrina bíblica da liberdade do ser humano exige que reconsideremos a idéia convencional da onisciência de Deus.⁵⁷

Em virtude da doutrina da liberdade humana, Deus tem que se limitar no conhecimento das coisas futuras. É muito pequeno o Deus que os teólogos da abertura de Deus apresentam.

V.III. A Autolimitação Divina Afeta o Atributo de sua Onipotência

A doutrina libertária da liberdade humana e a da conseqüente autolimitação em Deus determinam uma onipotência qualificada de Deus. Novamente porque os teólogos da abertura de Deus apelam para as Escrituras, eles não podem negar a onipotência divina, mas eles a qualificam e a tornam distinta da onipotência ensinada pelo Teísmo Clássico. Esse ensino tradicional da onipotência de Deus nega qualquer limite externo no poder de Deus para realizar a sua vontade. Todavia, o ensino dos teólogos da abertura de Deus não nega a onipotência. Ao contrário, eles a afirmam, mas lhe dão um entendimento diferente.

⁵⁶ BOYD, Gregory. *The God of the possible*. Grand Rapids: Baker, 2004. p. 105.

⁵⁷ PINNOCK, *God limits his knowledge*, p. 150.

Clark Pinnock diz enfaticamente: “Naturalmente que Deus é onipotente!”, e acrescenta que Deus “exerce a espécie de onipotência que é compatível com sua própria decisão de criar um mundo com agentes livres”.⁵⁸ A doutrina da onipotência divina é vista sob o foco da doutrina da liberdade humana, que no meu entendimento é uma espécie de liberdade de autonomia. Veja o que Pinnock diz:

*O poder de criar o mundo com agentes livres nele é certamente um poder onipotente! Somente um Ser onipotente, como disse Kierkegaard, teria a espécie de poder necessário para tal projeto. O poder de tirania pode fazer as pessoas obedecerem sob ordem, mas exige-se uma espécie mais elevada de poder para criar e trabalhar com a delicada flor da liberdade humana.*⁵⁹

Segundo o entendimento de Pinnock, o poder de Deus consiste em fazer seres livres que escreverão a história sem que Deus saiba o que vai acontecer, porque Deus resolveu limitar-se em seu conhecimento. Na avaliação correta de Highfield, “Deus limita-se a si mesmo ao criar um universo que contém seres com liberdade libertária. Deus pode escolher um universo em que a sua vontade seja sempre feita ou um em que há uma liberdade libertária, mas ele não pode escolher um universo com ambas as propriedades, porque elas são contraditórias”.⁶⁰ Deus impôs limitações sobre si mesmo quando resolveu criar o mundo.

Seu poder é limitado pela existência de seres, conquanto limitados, com poder de se opor a ele. Seu conhecimento é limitado pela liberdade das criaturas para realizar genuinamente um novo estado de coisas, desconhecido por ele até que elas aconteçam. Sua bem-aventurança é limitada pelo sofrimento envolvido na existência das coisas criadas.⁶¹

Como se pode perceber da citação acima, tanto a onipotência como a onisciência de Deus são doutrinas modificadas porque ambas estão presas à idéia de liberdade libertária, que é o elemento controlador da teologia libertária do Teísmo Aberto.

V.IV. A Autolimitação Divina Afeta o Atributo de sua Imutabilidade

A doutrina libertária da liberdade humana e a da conseqüente autolimitação de Deus determinam uma imutabilidade qualificada de Deus. Eu me refiro a uma imutabilidade qualificada, porque os teólogos da abertura de

⁵⁸ PINNOCK, *God limits his knowledge*, p. 153.

⁵⁹ Ibid. Minha ênfase.

⁶⁰ HIGHFIELD, *The function of divine self-limitation*, p. 293.

⁶¹ SANDERS, *The God who risks*, p. 84.

Deus não negam a imutabilidade, mas dão uma nova interpretação a ela. Como eles sempre alegam ser bíblicos, não podendo negar a imutabilidade, pois ela está afirmada claramente nas Escrituras, tomam alguns textos e acabam dando uma nova conotação a essa imutabilidade. Sanders diz que, embora “a essência de Deus não mude”, Deus muda “na experiência, no conhecimento, nas emoções e nas ações”.⁶² Richard Rice, um dos proponentes do Teísmo Aberto, diz que

as intenções de Deus não são absolutas e invariáveis; ele não decide irrevogável e unilateralmente o que fazer. Quando Deus delibera, ele evidentemente leva em conta uma variedade de coisas, inclusive as atitudes e respostas humanas. Uma vez que ele formula os seus planos, eles ainda estão abertos à revisão.⁶³

Não podemos ser injustos com os teólogos da abertura de Deus afirmando que eles crêem que Deus muda a sua mente, intenção ou propósito. Na verdade, o ponto essencial deles está vinculado à idéia da interação dinâmica de Deus com os seres humanos.⁶⁴ Se os homens são livres, então Deus se limita na fixação absoluta de seus planos. Afinal de contas, os homens são cooperadores de Deus em escrever a história, que não tem nenhum tipo de predeterminação. Contrariando a tese dos teístas clássicos da imutabilidade de Deus, os teólogos da abertura de Deus querem recuperar o senso de dinamismo envolvido na presença de Deus conosco. Portanto, eles apelam para uma leitura literal da Escritura em suas afirmações a respeito dos planos e propósitos do Altíssimo, nas quais ele diz que se arrepende.

Esta tese revisada da imutabilidade de Deus está firmada numa hermenêutica estranha, na qual os textos bíblicos devem ser interpretados no seu sentido literal, ainda que essa hermenêutica contrarie pontos básicos da interpretação de um texto. Por exemplo, eles tomam textos que falam do arrependimento de Deus, que para eles significa desapontamento ou pesar, para mostrar as mudanças em Deus. Deus se arrepende e fala em termos condicionais ao povo. É essa literalidade de interpretação que torna possível que Deus cometa erros e se arrependa de suas ações, pois o futuro está aberto e então ele volta atrás em suas decisões, por meio de suas experiências com os atos livres dos homens.

V.V. A Autolimitação Divina Afeta o Atributo de sua Relacionalidade

A doutrina libertária da liberdade humana e a da conseqüente autolimitação de Deus determinam uma idéia modificada da relacionalidade de Deus.

⁶² Ibid., p. 187.

⁶³ RICE, Richard. Biblical support for a new perspective. PINNOCK, *The openness of God*, p. 29-30.

⁶⁴ Ver Ibid., p. 32.

Esse teísmo é também chamado “Teísmo Relacional porque os seus defensores crêem que Deus está engajado num relacionamento mais genuíno de ‘dar-e-receber’ com a sua criação, em contraste com o Teísmo Clássico, que eles rejeitam conscientemente”.⁶⁵

Segundo eles, a possibilidade de relacionamentos de amor entre Deus e os seres humanos e vice-versa só é possível num mundo onde existe a noção libertária de liberdade. Pinnock diz que, “como uma versão do Teísmo da Vontade Livre, ele [o Teísmo Aberto] sustenta que Deus poderia controlar o mundo se quisesse, mas escolheu não fazê-lo – por causa dos relacionamentos de amor”.⁶⁶

O Teísmo da Vontade Livre ensina que, “para ser genuíno, o amor deve ser escolhido livremente, e para o amor ser escolhido livremente, ele não pode estar sujeito ao controle divino”.⁶⁷ Se um homem não tem a capacidade de amar a Deus, ele não é livre. Deus não pode salvar aqueles que rejeitam a sua graça “sem destruir as regras do jogo que ele estabeleceu para o seu projeto de ter um relacionamento recíproco de amor conosco. Deus não nos violenta, mesmo que seja para o nosso próprio bem”.⁶⁸ A noção de liberdade nessa corrente filosófico-teológica é aquela em que os indivíduos resolvem escolher entre uma variedade de opções, e nenhuma delas é escolhida por uma questão de necessidade. Não há nenhuma noção de determinação, seja externa ou interna, para que alguém possa resolver amar. O amor dos homens por Deus nasce da autonomia da vontade humana.

Portanto, não é difícil perceber que a noção libertária é determinante para se entender o relacionamento de Deus com o homem e vice-versa. Em contraste com o Teísmo Clássico, a modificação feita pelo Teísmo Aberto na idéia da relacionalidade de Deus é a afirmação de que o amor é o atributo que torna Deus um ser relacional. Certamente, por essa razão, os teólogos da abertura de Deus enfatizam o amor “como a mais importante qualidade que atribuímos a ele”.⁶⁹ E, ainda mais, “o amor é a essência da realidade divina, a fonte básica da qual derivam todos os outros atributos”.⁷⁰

Por ser amor, Deus exerce controle sobre os homens sem coerção, relacionando-se com eles em resposta de amor. Essa idéia do amor como sendo o atributo por excelência é muito atraente, mas não é bíblicamente defensável. O amor é apenas um dos vários atributos da divindade, sendo tão importante quanto qualquer outro. Os outros atributos não podem ser diminuídos em virtude

65 PYNE, Robert A.; SPENCER, Stephen. A critique of free-will theism (Parte 1). *Bibliotheca Sacra*, v. 158, jul./set. 2002, p. 259.

66 PINNOCK, *Open theism: what is this?*

67 PYNE; SPENCER, *A critique of free-will theism*, p. 262.

68 *Ibid.*, p. 262.

69 RICE, Biblical support for a new perspective. *The openness of God*, p. 14.

70 *Ibid.*, p. 21.

do seu atributo do amor, e a relacionalidade de Deus não está necessária e invariavelmente vinculada a esse atributo. Deus é relacional porque é um ser pessoal, ou melhor, tripessoal. MacArthur diz que

o amor divino de modo algum minimiza ou anula os outros atributos de Deus – sua onisciência, onipotência, onipresença, imutabilidade, senhorio, justiça, ira contra o pecado ou qualquer de suas perfeições gloriosas. Negue qualquer uma delas e você terá negado o Deus da Escritura.⁷¹

Nenhum atributo sozinho é suficiente para compreendermos alguma coisa sobre Deus. Todos os atributos, quando devidamente estudados e entendidos, é que nos dão uma visão correta de Deus, porque todos eles são atributos essenciais da Divindade. Portanto, os atributos de Deus em geral, especialmente os chamados comunicáveis, é que mostram quão relacional Deus é, e não apenas o seu amor.

VI. O CONCEITO LIBERTÁRIO DE LIBERDADE COMO EXIGÊNCIA PARA HAVER RESPONSABILIDADE HUMANA

Segundo os teístas da vontade livre, o conceito libertário de liberdade é uma necessidade para que haja o senso de responsabilidade humana. Eles “diferem dos teístas clássicos por rejeitarem a atemporalidade, imutabilidade, impassibilidade, providência detalhada e presciência exaustiva divinas. Eles sustentam que essas doutrinas eliminam qualquer sentido genuíno de responsabilidade humana, relacionalidade divina ou conflito entre o bem e o mal”.⁷²

Como vimos acima, o Teísmo da Vontade Livre (do qual o Teísmo Aberto é um ramo) afirma que Deus não é governante absoluto do universo com crêem os teístas clássicos, especialmente os calvinistas. Eles não crêem que Deus decreta a realização de todos os eventos no mundo porque os indivíduos não podem ser considerados responsáveis pelo que eles fazem necessariamente, isto é, pelo que eles fazem sob a ação decretiva de Deus. A noção de responsabilidade humana está dependente da noção libertária da vontade. Se Deus decreta, o homem não tem liberdade de vontade, e se isso acontece ele não pode ser considerado responsável pelo que faz.

O problema do Teísmo da Vontade Livre é que ele não somente não crê que Deus decreta todas as coisas, como também não conhece todas as coisas por causa do conceito libertário de liberdade. A noção de responsabilidade humana de igual modo é dependente do conceito de liberdade. “O conheci-

⁷¹ MacARTHUR, John. *The love of God*. Dallas: Word, 1996. p. 28. Ver também CARSON, D. A. *The gagging of God*. Grand Rapids: Zondervan, 1996. p. 241; GRUDEM, Wayne. *Systematic theology*. Grand Rapids: Zondervan, 1994. p. 180; e DEMAREST, Bruce; LEWIS, Gordon. *Integrative theology*. Grand Rapids: Zondervan, 1987. v. I, p. 197.

⁷² PYNE; SPENCER, A critique of free-will theism, p. 260.

mento total do futuro implicaria numa fixidez de eventos. Nada no futuro precisaria ser decidido. Também implicaria que a liberdade humana é uma ilusão, que não fazemos nenhuma diferença e que não somos responsáveis”.⁷³

VII. AVALIAÇÃO DO MOVIMENTO

O movimento do Teísmo Aberto deve ser analisado seriamente do ponto de vista bíblico e confessional. Ele não pode ser ignorado pelos cristãos evangélicos que professam o Teísmo Clássico e nem pode ficar sem resposta. Todavia, aqui não há espaço para isso. Apenas fizemos uma rápida análise do pensamento do Teísmo Aberto e agora procederemos a uma breve avaliação do mesmo, que inclui uma ligeira resposta e uma pequena idéia do Teísmo Clássico sobre o entendimento de Deus e da Liberdade Humana, que certamente serão benéficas para o fortalecimento espiritual do povo de Deus.

VII.I. Avaliação Positiva

O aspecto positivo do Teísmo Aberto é que ele desafia os cristãos do Teísmo Clássico a pensarem mais corretamente sobre o que Deus é e sobre o que ele faz. O aparecimento do neoteísmo é positivo para que os teístas clássicos aperfeiçoem a sua fé na Palavra de Deus com respeito à noção de liberdade humana e dos atributos divinos. Os teólogos da abertura de Deus se preocupam com o sofrimento, com a liberdade humana, com as escolhas que os homens fazem e com o Deus relacional, despertando os teístas clássicos para estudarem melhor esses elementos. O problema é que o Teísmo Aberto oferece uma solução inadequada para as preocupações deles.

VII.II. Avaliação Negativa

A despeito das preocupações do neoteísmo, há alguns aspectos que são muito negativos e certamente prejudiciais à igreja cristã e sua teologia. Os problemas apresentados pelo movimento devem despertar os estudiosos do Teísmo Clássico em geral e da fé reformada em particular, a fim de que possam dar uma resposta muito clara e convincente aos ataques do neoteísmo.

É muito comum no neoteísmo a idéia de que a divina soberania é anulada pela liberdade humana. Os seus defensores ignoram muitos textos da Escritura que afirmam a soberania de Deus sobre a história e sobre os indivíduos. Deus reina e sua vontade decretiva é feita sobre a terra, porque os seus propósitos não podem ser frustrados pelo homem. Todavia, a teologia reformada enfatiza a noção de liberdade humana, mas não com a tonalidade libertária. Ela trata da liberdade de agência, em que todos os homens são responsáveis por seus atos, pois esses atos nunca são feitos contra a vontade deles. Eles agem sempre porque querem e porque lhes agrada da forma que

73 Ibid., p. 260.

fazem. Eles nunca agem contrariamente às inclinações de seu ser mais interior, o coração. É por causa do seu conceito libertário de liberdade que esses teólogos negam plenamente certos princípios do Teísmo Clássico.

Os teólogos da abertura de Deus possuem uma visão errônea do ensino do Teísmo Clássico sobre Deus, dizendo que é produto da influência da filosofia grega. Na verdade, embora tenha havido influência da filosofia grega sobre alguns segmentos da teologia cristã, na teologia reformada Deus não é o motor imóvel ensinado por Aristóteles, que não é afetado pelos nossos relacionamentos. Ao contrário, ele é o Deus que firmou um pacto com o seu povo, possuindo uma relação graciosa com os seus filhos. Essa convicção é crucial para a teologia reformada, e está no coração dela. Ao contrário do Teísmo Aberto, os reformados afirmam a imutabilidade de Deus, que tem a ver com a sua essência, o seu caráter e os seus planos, que não são alterados. Todavia, essa imutabilidade não significa imobilidade. Além de Deus ter emoções, ele reage ao modo como as suas criaturas tratam os seus preceitos. A doutrina da imutabilidade de Deus não é governada pelo pensamento da filosofia grega, mas por textos claramente afirmados na Escritura.

Este artigo não comporta uma resposta ampla aos ensinamentos do neoteísmo, mas foi escrito para que os leitores tenham uma idéia clara do pensamento que começa a tomar conta até mesmo dos arraiais da igreja brasileira. Que Deus nos faça hábeis para estudar e conhecer, até onde é possível aos seus conhecerem, a sua mente e a sua Palavra, e assim seremos leais ao ensino que ele nos deixou nas Santas Escrituras.

Com base nas características do Teísmo Aberto expostas acima, alguém reescreveu a Oração do Senhor de modo a encaixá-la na teologia da abertura de Deus:⁷⁴

Pai nosso que estás nos céus, esvaziado seja o teu nome. Venha talvez o teu reino, seja feita talvez a tua vontade, quem sabe na terra como às vezes é feita no céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Surpresa! Nós todos queríamos bolo ao invés de pão. E perdoa-nos as nossas dívidas sem expiação, assim como nós também perdoamos os teus jogos e a tua especulação. E procures não nos deixar cair em tentação, mas livra-nos do mal como era a tua suposição. Pois teu pode ser o reino e algum poder e grande parte da glória, por hoje, visto que não sabes o que será o amanhã. Amém.

Que Deus nos livre de uma oração como essa, porque ela é uma afronta ao grande Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Que Deus livre a igreja evangélica brasileira de embarcar nessa visão libertária que afeta toda a teologia que o cristianismo tem aceito historicamente. Cremos nessa teologia não somente porque ela é aceita historicamente, mas porque é a expressão

74 Disponível em: <<http://www.ondoctrine.com/00news21.htm>>. Acesso em: 02 mar. 2005.

da verdade contida nas Escrituras Sagradas, que devem ser interpretadas à luz de sadias regras de hermenêutica.

ABSTRACT

This article deals with a theological problem that was recently raised in the United States, but which begins to bear some influence in Brazilian theological circles. It is the so called “Open Theism”, which has changed the paradigms of the historically accepted theontology. The article deals with the foundations upon which Open Theism stands (the concept of libertarian freedom) and its decisive consequences for theontology: the divine self-limitation, which also affects God’s attribute of sovereignty over the world and human lives. This libertarian freedom and the divine self-limitation also affect the doctrine of providence, and the presence of moral evil in the world to the point that God runs risks in his relationship to human beings. The divine self-limitation also affects his omniscience, omnipresence, immutability and relationships.

KEYWORDS

Open Theism; Relational Theology; Libertarianism; Theontology; Divine self-limitation; Immutability.